

A RELAÇÃO ENTRE JOÃO BATISTA E OS ESSÊNIOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

The relationship between John the Baptist and the Essenes: a comparative analysis

Tiago Dias de Souza*
Anderson Bachega**

RESUMO

Este artigo tem como propósito, através de uma revisão bibliográfica, elucidar a possível ligação entre João Batista e os Essênios, com base em estudos que sugerem que João Batista foi adotado, criado e educado pelos Essênios, recebendo influências de seus rituais religiosos. No entanto, existem outros estudiosos que apontam diferenças entre eles, principalmente na prática de purificação com água. O estudo em questão busca apresentar os argumentos dos autores sobre a existência da comunidade e a existência de João, suas crenças e práticas religiosas, e debater esses argumentos, tanto favoráveis quanto contrários, em relação às possíveis conexões entre João Batista e os Essênios.

PALAVRAS-CHAVE: João Batista. Essênios. Qumran. Rituais. Crenças.

ABSTRACT

This article aims, through a bibliographical review, to elucidate the possible connection between John the Baptist and the Essenes, based on studies that suggest that John the Baptist was adopted, raised and educated by the Essenes, receiving influences from their religious rituals. However, there are other scholars who point out differences between them, mainly in the practice of purification with water. The study in question seeks to present the authors' arguments about the existence of the community and the existence of John, his religious beliefs and practices, and to debate these arguments, both favorable and contrary, in relation to the possible connections between John the Baptist and the Essenes.

KEYWORDS: John the Baptist. Essenes. Qumran. Rituals. Beliefs.

INTRODUÇÃO

Existem evidências que sugerem uma possível relação entre a comunidade dos Essênios e João Batista, conforme mencionado nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. O presente estudo tem como propósito comparar as opiniões de autores previamente publicados sobre esse assunto, devido às diversas

* Doutorado e Mestrado em Teologia (Tradições e Escrituras Sagradas) pela Escola Superior de Teologia (EST). MBA em Liderança Pessoal e Eclesiástica pela Universidade Adventista de São Paulo (UNASP). Bacharelado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CLARETIANO). Bacharelado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT). Atualmente é professor de Novo Testamento no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia sediado na Faculdade Adventista da Amazônia (FAAMA).

E-mail: pr.tiagodias@hotmail.com.br

** Graduado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia sediado na Faculdade Adventista da Amazônia (FAAMA).

E-mail: anderson.comam@faama.edu.br

perspectivas encontradas na literatura acadêmica. Enquanto alguns estudos apoiam essa ligação, outros a rejeitam categoricamente. Por conseguinte, foi conduzida uma análise crítica das fontes bibliográficas, visando aprofundar o entendimento acerca dessa possível conexão.

É de suma importância destacar que estudos específicos têm se dedicado aos manuscritos do Mar Morto, encontrados em Qumran, evidenciando a presença de comunidades com ligações judaicas. Nesse sentido, a pesquisa atual suscita questionamentos tanto no campo acadêmico quanto religioso, relacionadas ao tema em análise. Esse estudo contribuirá para a ampliação do conhecimento histórico e religioso relacionado à presença de João Batista e os Essênios.

A investigação foi conduzida de maneira exploratória, com o objetivo de oferecer uma visão geral e abrangente do tema proposto, permitindo a coleta de informações e a construção de uma cadeia de ideias. No contexto específico deste estudo, optou-se pelo método de pesquisa bibliográfica. Foram consultados livros, artigos, revistas, tanto físicos quanto digitais. Utilizaram-se fontes confiáveis e atualizadas, verificando-se a relevância dos materiais selecionados para o tema em estudo. Além disso, realizou-se uma análise crítica e sintetizada das informações encontradas, estabelecendo uma conexão entre diferentes fontes e desenvolvendo uma compreensão mais aprofundada do tema.

Neste artigo, será apresentado um breve panorama histórico e cultural da comunidade dos essênios. Esse grupo desempenhou um papel relevante para a pesquisa bíblica, uma vez que é considerado pelos estudiosos como responsável pela produção dos manuscritos encontrados na região do Mar Morto, sendo essenciais para a autenticidade dos escritos sagrados. Além disso, será realizada uma análise e descrição da vida de João Batista, desde o seu nascimento até os seus costumes, e por fim será apresentada uma possível relação entre eles.

BREVE PANORAMA HISTÓRICO E CULTURAL DA COMUNIDADE DOS ESSÊNIOS

Os essênios habitavam nas imediações da "margem noroeste do Mar Morto (Qumran moderno)", entre 150 a.C. e 68 d.C. O termo Essênio, de acordo com Bruce (2006, p. 457), deriva do grego essênoi, essaioi, ossaioi; possivelmente originado do aramaico asên, assayyâ, plural de asê, asyâ: curador. Garnet (2007, p. 123) sugere que eles foram os responsáveis pela produção dos pergaminhos do Mar Morto. Ele argumenta que havia líderes em Israel que discordavam do que eles afirmavam ser, sendo considerados impuros por esse grupo. Diante disso, decidiram se separar em busca da santidade, longe das influências desses líderes, formando assim um "remanescente fiel", com o objetivo de preparar o caminho para a vinda de um messias, iniciado pelo arrependimento de Israel. Seus princípios éticos eram fundamentados na justiça de Deus, revelada por meio da aliança com seus antepassados e de acordo com os Documentos de Damasco (GARNET, 2007, p. 123).

Segundo Champlin (2013, p. 523), os Essênios eram devotos nos estudos dos documentos sagrados ou livros do Antigo Testamento, porém rejeitavam certos princípios contidos neles, como os sacrifícios de animais e a unção com azeite. Além disso, eles também condenavam a prática da escravidão. Champlin menciona que os Essênios possuíam sua própria literatura e levanta a possibilidade de que

tenham sido os autores dos livros "pseudoepígrafos de Jubileus, Enoque e os Testamentos dos Doze Patriarcas".

Este grupo foi estabelecido não por meio de herança, mas sim por meio de um "alistamento" voluntário. A base para a formação desse grupo residia no fato de serem defensores da santidade e optarem por não se casar. Eles levavam uma vida exemplar, com vestimentas e alimentação simples (BOCCACCINI, 1998, p. 21). De acordo com Champlin (2013, p. 524), Josefo, historiador do século I d.C., sugere que os Essênios tinham o costume de se organizar em comunidades, conhecidas como colônias, sendo as principais localizadas próximas ao norte do Mar Morto.

De acordo com Szekely (2004, p. 11), os Essênios possuíam uma relação harmoniosa com a natureza, possuíam um profundo conhecimento do solo e sabiam como cultivá-lo. Além disso, eles tinham suas próprias plantações. Szekely acrescenta que esse grupo valorizava muito o bem-estar físico, pois acreditavam na santidade e defendiam essa crença, o que também influenciava sua alimentação, uma vez que eles eram vegetarianos e se abstiam de alimentos de origem animal. Quanto ao descanso, por serem de linhagem judaica, eles reservavam o sábado para repouso, conforme descrito nos capítulos 1 e 2 do livro de Gênesis, onde é narrada a criação da Terra em seis dias e o sétimo dia destinado ao descanso. Durante esse dia (sábado), eles se dedicavam não apenas ao repouso, mas também à meditação e ao estudo dos livros sagrados.

Enéas Tognini (2009, p. 164,166) respalda a afirmação de Szekely ao argumentar que essa comunidade observava com zelo o sétimo dia (sábado) e realizava trabalhos dedicados a Deus. Além disso, existia entre eles a expectativa de dois messias, um para o grupo de Arão e outro para o grupo de Israel. Isso se deve ao fato de que a comunidade se dividia em "filhos de Arão", que eram os sacerdotes, e os "filhos de Israel", que eram os leigos.

Em sua tese intitulada "Os manuscritos do Mar Morto e o modo de vida dos Essênios e dos Terapeutas", João Alves de Araújo Júnior (2012, p. 58) examina o contexto histórico de Qumran, local onde supostamente os essênios habitavam. Araújo propõe a existência de uma comunidade judaica estabelecida pelos essênios, descrevendo-a como um movimento religioso judaico que existiu durante o período tardio do Segundo Templo, por volta do século II a.C.

González Garcia (2022, p.1177) destaca que os Essênios foram uma seita de grande relevância durante o período inter-bíblico, embora não tenham sido mencionados diretamente. Segundo Garcia, os Essênios são considerados a segunda seita mais importante desse período, sendo eles descendentes de sacerdotes e adotando um estilo de vida devoto e disciplinado. Entre eles, havia aqueles que eram mais rigorosos e optaram por ser celibatários, dedicando-se à interpretação das Escrituras e seguindo uma vida simples em termos de vestuário e alimentação.

Em consonância com a opinião de Garcia, Champlin (2013, p. 524) destaca que alguns grupos aceitam o casamento entre seus membros, porém a maioria desses grupos exclui a figura feminina como participante. A mulher é amplamente vista como um empecilho para a santidade.

Flávio Josefo, um renomado escritor e historiador judeu, em sua obra intitulada "História dos Hebreus", faz menção a três seitas do judaísmo: os fariseus, os saduceus e os essênios. De acordo com Josefo, os fariseus são conhecidos por sua simplicidade de vida, atribuindo a Deus todas as ocorrências, inclusive a

nomeação de líderes. Eles são notáveis por sua devoção à observância dos mandamentos e rituais sagrados. Por outro lado, os saduceus, segundo Josefo, não acreditam que Deus possa ser a causa do mal, formando um grupo fechado e tratando-se como estranhos. Quanto aos essênios, a terceira seita destacada por Josefo, (2003, p.416, 555, 556), eles atribuem todas as coisas à providência divina, acreditam na imortalidade da alma e são fiéis às suas crenças, demonstrando resistência à dor, pois acreditam em uma vida melhor após a morte.

De acordo com Emil Schurer (1995, p. 583), os essênios são apresentados como uma comunidade mais radical em comparação com outras comunidades descritas por Josefo. Eles foram estabelecidos durante o reinado de Jônatas e a primeira revolta contra os romanos. A descoberta dos manuscritos do Mar Morto em Qumran proporcionou uma compreensão mais aprofundada dessa comunidade judaica conhecida como essênios. Schurer argumenta que essa comunidade é considerada uma "extensão do judaísmo", pois defendiam a crença na imortalidade da alma, o que está de acordo com os relatos de Josefo.

Schurer (1995, p. 583) e Meier (2004, p. 207) também sustentam que os qumranitas são uma subdivisão dos essênios. Eles argumentam que tanto os qumranitas quanto os essênios compartilhavam a concepção de um fim do mundo, no qual ocorreria uma batalha final entre os filhos da luz (qumranitas/essênios) e os filhos das trevas (a população em geral), sendo que os primeiros herdarão o reino dos céus. Essa crença evidencia o afastamento dos essênios em relação àqueles que não compartilhavam da mesma compreensão.

Segundo Vieira (2008, p. 75) em sua Dissertação de Mestrado sobre “Os manuscritos do Mar Morto e a Gênese do Cristianismo”, os estudos acerca dos saduceus e fariseus do século I são muito mais detalhados em comparação com as pesquisas sobre os essênios. Os essênios, por serem vistos como não ativos no contexto social e político, acabaram recebendo menos atenção e reconhecimento por parte dos estudiosos das facções judaicas da época.

As fontes clássicas indicam que o envolvimento social dos essênios parece ter sido limitado ou menos incisivo em comparação aos saduceus e fariseus. Uma leitura despretenhosa dessas fontes retrata os essênios como um grupo sectário que se abstinha da política e não estabelecia diálogo com outras tradições religiosas. No entanto, **os essênios desempenharam um papel ativo na sociedade judaica**, embora tenham se preocupado principalmente com o campo religioso, **muito mais do que outros segmentos da sociedade judaica** (VIEIRA, 2008, p. 75, grifo meu).

Vieira (2008, p. 25) argumenta que uma análise cuidadosa das fontes clássicas pode oferecer evidências concretas sobre a identidade das pessoas de Qumran. O conteúdo dessa análise abrange vários textos encontrados nas cavernas do Mar Morto, e de acordo com Vieira, existe a possibilidade de que a comunidade dos essênios tenha realmente existido na região de Qumran.

Tognini (2009, p. 162) ressalta que não é simples determinar ou descobrir o local exato de origem do essenismo; no entanto, ele afirma que a descoberta do manuscrito do Mar Morto, por volta de 1947, esclarece esse debate. Segundo ele, os Essênios "surgiram dos assideus do Período Macabeu". Eles eram conhecidos por serem homens justos.

Em Qumran houve algumas movimentações dos Essênios; há pelo menos duas possibilidades:

“Os essênios se transferiram para Damasco (o Documento de Damasco refere-se a esse êxodo). Pelo favorecimento de Herodes, o Grande, os essênios talvez se tenham integrado nas diversas cidades da Palestina. Morto Herodes, os essênios retornam ao deserto. Em 31 a.C., um terremoto destruiu Qumran. Tudo foi restaurado. Em 68 d.C., os soldados de Vespasiano destruíram a comunidade Qumranista. Hoje existem somente as ruínas do que foi o glorioso passado desse povo austero e audaz.” (TOGNINI, 2009, p. 164)

Champlin (2013, p. 524) indica que essa seita distinta, desapareceu por volta do ano 70 d.C, por ocasião da destruição de Jerusalém. Contudo, mesmo que não sejam unânimes qual foi o destino Essênios, entende-se que a comunidade dos essênios em Qumran desapareceu possivelmente entre 68 e 70 d.C, conforme apresenta Tognini e Champlin.

UMA ANÁLISE DESCRITIVA DA VIDA DE JOÃO BATISTA

A narrativa do nascimento de João Batista, conforme descrita no Evangelho de Lucas, destaca a condição avançada de seus pais, Zacarias e Isabel, que não tinham filhos devido à esterilidade de Isabel. Apesar disso, o casal era considerado justo diante de Deus (Lucas 1:5, 6). Zacarias exercia o sacerdócio, pertencendo ao turno de Abias (I Crônicas 24:10), e desempenhava seus deveres no templo (Lucas 1:8). Em determinado momento, o Anjo do Senhor apareceu a Zacarias (Lucas 1:19) e anunciou que sua esposa daria à luz um filho chamado João. O anjo também instruiu sobre o propósito da criança, que seria o precursor do Messias (Lucas 1:13-18). Isabel, por sua vez, fazia parte de uma linhagem sacerdotal, sendo chamada de filha de Arão (Lucas 1.5). João Batista, cujo nascimento foi considerado milagroso devido à idade avançada de seus pais, veio ao mundo na região montanhosa da Judeia.

De acordo com Douglas (2006, p. 691), João nasceu aproximadamente no ano 7 a.C. e passou sua juventude no deserto da Judeia. Ele também menciona uma possível associação de João com comunidades da região de Qumran. Por volta de 27 d.C., João recebeu um chamado profético. Dorneles (2016, p. 741) apoia a ideia de que João cresceu no deserto da Judeia e permaneceu lá até o início de seu ministério, provavelmente aos 30 anos de idade. Ele era conhecido por ser rude tanto em seu caráter quanto em sua aparência. Por outro lado, John (2005, p. 680) indica que João nasceu no ano 5 a.C. e começou a fazer aparições públicas em 28 d.C. Oséas (2017, p. 30) argumenta que João tinha uma alimentação simples, comendo gafanhotos e mel silvestre. Sua vestimenta também era simples, consistindo em uma peça única feita de pelo de camelo e um cinto de couro. Além disso, todo o seu ministério ocorreu no deserto da Judeia e seu nome significa "Deus é gracioso".

Fitzmyer apresenta um argumento concordando com Champlin (2016), ao falar do nascimento de João e propõe que “após a morte de seus pais idosos, João pode ter sido adotado pelos essênios” (Fitzmyer, 2000, p.19).

Artuso (2010, p. 45) afirma que o Evangelho de Lucas estabelece uma conexão entre o anúncio e o nascimento, bem como algumas informações sobre a

infância de Jesus e João Batista, indicando que ambos foram designados para servir ao reino de Deus. Jesus de Nazaré confirma a autoridade da pregação de João Batista, uma vez que a mensagem de João é preparatória para a vinda do Messias (Isaías 40:3). Ao abordar esse argumento, Artuso aponta que ambos fazem parte de uma ligação com a aliança descrita no Antigo Testamento bíblico (AT), onde é apresentada a promessa de um messias vindouro. Em Lucas 1:43-44, é mencionado: "Como posso merecer que a mãe do meu Senhor venha me visitar? Logo que a sua saudação chegou aos meus ouvidos, o bebê se agitou de alegria no meu ventre". Nesse trecho, é descrito o encontro entre Isabel e Maria, no qual Isabel sente que seu filho se comporta de maneira única, diferente do que havia ocorrido anteriormente. Champlin (2013, p.551) indica que Maria e Isabel eram primas e utiliza o termo grego "sungenes", que indica um grau específico de parentesco, o que sugere a hipótese de que Jesus e João eram primos.

Após o nascimento de seu filho, Zacarias, cheio do Espírito Santo, profetizou: "Bendito seja o Senhor Deus, porque visitou e redimiu seu povo" (Lucas 1:67, 68). No livro Novo Testamento Comentado por William Barclay, *The Gospel of Luke*, traduzido por Carlos Biagini, complementa-se que:

Zacarias teve uma grande visão a respeito de seu filho. Ele o viu como o profeta e precursor que prepararia o caminho do Senhor. A maioria dos judeus devotos esperava e desejava o dia em que chegaria o Messias, o Rei Ungido de Deus. A crença comum era que antes de sua vinda, um precursor anunciaria sua chegada e prepararia o caminho. Acredita-se que esse precursor seria Elias (Malaquias 4:5). Zacarias viu em seu filho aquele que prepararia o caminho do Rei divino (BARCLAY, 1995, p.19).

A profecia mencionada está relacionada à missão de João, conforme previsto pelo profeta Isaías no capítulo 40:3, que anuncia: "Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor...". Após um período de mais de 400 anos de ausência de voz profética, onde o povo não recebia nenhuma palavra inspirada desde o profeta Malaquias, que apontou a chegada do Messias com o poder e a força de Elias (Ml 4:5, 6). Esse tempo foi marcado por líderes infiéis que estabeleceram uma tradição sem vida, transformando a casa de Deus em um local de ganância e lucro. Além disso, a presença de um rei tirano e cruel, Herodes, o Grande, que governou a Judeia de 37 a 4 a.C, contribuiu para a obscuridade desse período (HERNANDES, 2017, p.37).

Sabe-se pouco sobre a vida de João antes de começar seu ministério. No entanto, é sabido que ele morava na região montanhosa da Judeia e seguia os votos dos nazireus, que incluíam não cortar o cabelo nem a barba. Esses detalhes são mencionados por Champlin (2013, p. 551).

Otto Betz, em seu livro "João era essênio?" (1993), aborda a hipótese de que João tenha sido criado pela comunidade essênia próxima ao Mar Morto e tenha sido influenciado por ela, antes de partir para pregar para uma comunidade judaica maior (Betz, 1993:216). Essa teoria é sustentada pelo fato de que os pais de João já eram idosos, o que indica a possibilidade de uma adoção por parte dessa comunidade.

A relevância de João Batista para o cristianismo é destacada, uma vez que ele é considerado o "princípio do evangelho" ou até mesmo o próprio "princípio do evangelho" (REID, 2012, p. 720). Os textos bíblicos afirmam que Jesus apresenta João como mais do que um profeta e, do ponto de vista humano, como "o maior dos seres humanos" (Mt 11:11, Lc 7:28; Mc 11:9, Lc 7:28). De acordo com Reid (2012,

p. 721), ao contrário dos outros personagens do Novo Testamento, apenas João e Jesus recebem um tratamento diferenciado e significativo (Mc 6:14-29). O autor ainda destaca que João era uma figura tão importante que continuava a ter seguidores muito tempo após sua morte, conforme indicado em Lucas-Atos (At 18:25; 19:1-7).

A missão de João Batista antecedeu a missão de Jesus, como mencionado em Isaías 40:3, onde é descrito como "Voz que clama no deserto, preparai o caminho". Sua aparição veio após um longo período de silêncio profético, como já foi mencionado anteriormente. A diferença de idade entre João e Jesus, de cerca de seis meses, indica que ele começou oficialmente seu ministério aos trinta anos, idade em que um judeu era considerado maduro para a vida em sociedade, conforme Lucas 3:23 (DORNELES, 2016, p. 741).

Segundo o relato do historiador Flávio Josefo, João Batista foi detido e condenado à morte pelo governador romano Herodes Antipas, que exerceu o governo sobre a Galileia e a Peréia de 4 a.C a 39 d.C. Josefo mencionou que Herodes receava que João Batista pudesse incitar uma rebelião contra ele, o que motivou sua decisão de ordenar a execução do profeta (Josefo, Antiguidades Judaicas, Livro XVIII, Capítulo 5).

DESCRIÇÃO DE UMA POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE JOÃO BATISTA E OS ESSÊNIOS

Os essênios, que habitaram nas proximidades da "margem noroeste do Mar Morto (Qumran moderno)" entre 150 a.C. e 68 d.C., demonstravam uma profunda valorização da pureza. Eles adotavam rituais de banho como forma de purificação, como evidenciado por Schurer (1995, p. 568). A opção por viver no deserto tinha como intuito se proteger das más influências da cidade, não como uma demonstração de superioridade. Adicionalmente, os essênios eram reconhecidos como mestres devido à sua fidelidade à observância das leis mosaicas.

No livro "Os Manuscritos do Mar Morto" (s.d.), Wilson sugere que João Batista pode ter nascido próximo a um mosteiro, possivelmente em Hebron. Ele faz referência ao livro de Lucas, onde menciona que João foi para o deserto, indicando as montanhas áridas entre o mosteiro e a civilização, tendo João pregado em "toda terra do Jordão" (WILSON, p. 67). O autor também destaca que os essênios tinham rituais de purificação e levavam literalmente a sério, corroborando com o argumento de Schurer (1995), acrescentando ainda que João Batista não apenas praticava o batismo, como também seguia os princípios dos essênios, conforme registrado em Lucas 3:11, "E, respondendo ele, disse-lhes: Quem tiver duas túnicas, que reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, que faça da mesma maneira". É possível que a questão de se purificar seja controversa ao se tratar de João Batistas e os Essênios. Há escritores que apontam que os rituais de purificação dos Essênios foram um protótipo do batismo de João.

Smith, (1982) argumenta:

Antes da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, o batismo de João era frequentemente explicado como uma lavagem ritual derivada do batismo de prosélitos entre os judeus. Essa explicação, porém, muitas vezes levantou mais problemas do que resolveu, principalmente porque há tão poucas evidências da existência do batismo de prosélito no primeiro século da era cristã. O batismo de João, entretanto, é agora

melhor explicado como um desenvolvimento das lavagens rituais da comunidade essênia... Quando João pregou seu batismo, ele falou dele como um batismo de água, mas se referiu a outro, o batismo vindouro de “espírito e fogo” (Lucas 3:16). A menção de água, fogo e espírito também tem um paralelo notável no Manual de Disciplina Essênio.... Aqui encontramos “água”, “espírito santo”, “Espírito da verdade” e “refinamento” como elementos da atividade de Deus enquanto Ele purifica esta comunidade (SMITH, 1982, p. 13-32).

O batismo de João, ao contrário dos Essênios, era um evento único na vida dos devotos, marcando o início de um grupo de crentes que aguardavam a vinda do Messias. Por outro lado, a comunidade de Qumran (Essênios) tinha como objetivo realizar rituais de purificação levítica de forma regular na vida diária. De acordo com Scot (1991, p. 82), o que se destaca não é se houve realmente indícios de rituais de purificação da água na comunidade judaica (Essênios), mas sim que, como já mencionado, isso ocorreu.

Em vez disso, a questão é se há evidências de que os judeus do período do Segundo Templo praticassem um rito iniciático e não repetido para entrada na comunidade.... A menos que se reconheça a distinção entre uma simples ilustração religiosa (por exemplo, lavar as mãos para efetuar a limpeza cerimonial ou mesmo um banho cerimonial) e um batismo iniciático e não repetido (por exemplo, o batismo cristão)” (SCOT, 1991, p. 82).

É relevante ressaltar que, uma outra diferença entre João e os Essênios é o procedimento de aceitação. Na comunidade essênia, ao ser aceito, um homem precisava passar por um período de teste de um ano, sendo impedido de participar da cerimônia de purificação com água até que sua vida fosse minuciosamente analisada, a fim de confirmar sua pureza para participar do ritual de purificação. A purificação ritual era uma das principais preocupações na comunidade essênia, em total conformidade com as prescrições dos livros de Levítico 11-17, Números 19 e Deuteronômio 14. Eles consideravam condições como a lepra, questões relacionadas aos órgãos sexuais humanos, a manipulação de cadáveres de certos animais e, principalmente, de seres humanos falecidos, como fontes de impureza ritual (e, em alguns casos, física). Quando combinados com atos de arrependimento, os rituais de banho e lavagem se tornavam poderosos meios de purificação moral (HUTCHISON, 2002, p. 192).

Há especulações acerca da possível relação de João Batista com a comunidade de Qumran, levantando a hipótese de que ele tenha sido educado e criado pelos essênios, ou até mesmo adotado por eles após a morte de seus pais, devido à idade avançada destes (ORRÚ, 1993, p. 58). Essas especulações ressaltam a influência dos essênios em sua formação religiosa. No entanto, João apresentava diferenças em suas práticas, especialmente no que diz respeito ao ritual de purificação, pregando o arrependimento dos pecados e um único batismo, em contraste com os rituais diários de purificação realizados pelos essênios (MEIER, 1992: p. 76).

Em consonância com Schurer (1995), Vieira (2008) afirma que João Batista sofreu influências dos essênios, porém destaca uma discordância em relação aos rituais de banho realizados pela comunidade essênia como forma de purificação diante de Deus. João Batista defendia a prática de um único batismo. Segundo Vieira (2008, p. 28), João desempenhou o papel de elo entre diferentes grupos

religiosos, corroborando as influências dos essênios mencionadas por Schurer (1995).

No entanto, é importante destacar uma mudança nas práticas de João em relação aos essênios. Uma das principais diferenças reside no ritual de purificação: enquanto os essênios realizavam batismos diários, João pregava o arrependimento dos pecados e a necessidade de um único batismo para a reconciliação com Deus. Urrú (1993, p. 59) sugere que essa mudança ocorreu quando Deus falou com João no deserto. Foi nesse momento que João começou seu ministério profético, tornando-se o último representante da antiga ordem e profetizando a vinda do Messias. Nesse contexto, João teve a oportunidade de ver e testemunhar a presença do "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29).

Tal como os essênios, João aguardava a chegada do Messias, e essa concepção do Messias estava em sintonia com a ideologia dos essênios, como evidenciado pela sua invocação do Segundo Isaías: "A voz daquele que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor" (WILSON, "s.d.", p. 68). A mensagem chega a João no deserto, conforme relatado em Lucas 3:2. Esse evento pode ter sido um ponto de viragem para João Batista. Fitzmyer (2000) afirma que "João então rompeu com os essênios de Qumran, com quem havia vivido por algum tempo, para sair e pregar um 'batismo de arrependimento' para o perdão dos pecados (3:3)" (FITZMYER, 2000, p. 18-19).

De acordo com Taylor (1996, p. 259), não é apropriado utilizar o texto de Isaías 40:3 para descrever os ensinamentos de João e dos essênios sobre a promessa do messias e o que seria feito para preparar o caminho para ele. Taylor ressalta que os paralelos entre os textos não são suficientes para afirmar uma influência direta entre os grupos judaicos do Segundo Templo (TAYLOR, 1996, p. 260). Além disso, Taylor menciona que os escritos hebraicos eram acessíveis a todos os grupos, permitindo que cada um os interpretasse de maneiras diversas (TAYLOR, 1996, p. 260). No Evangelho de João 1:23, é mencionado que João Batista cumpria a profecia de Isaías ao ser uma voz clamando no deserto, enquanto a comunidade essênica de Qumran utilizava o mesmo verso para justificar sua vida no deserto (BETZ, 1993, p. 22).

Embora existam argumentos que sugerem que o profeta do deserto tenha sido educado e criado pelos essênios, é mais plausível considerar o chamado que Deus fez a Zacarias, seu pai, para a missão de ser o precursor do Messias. Em Lucas 1:17, Zacarias é descrito como aquele que irá preparar o caminho para o Senhor, seguindo o espírito e poder de Elias. Essa missão de Zacarias está alinhada com as profecias messiânicas do Antigo Testamento, como as encontradas em Isaías 40:3 e Malaquias 4:5-6. O conhecimento sobre a missão de João Batista, conforme registrado em João 1:23, parece ter sido derivado das profecias transmitidas por Gabriel e Zacarias, e não da exposição à comunidade de Qumran, como aponta Hutchison (2002, p. 196).

Pryke (1964, p. 495) ressalta que, se João realmente teve contato com os Essênios como um irmão adotivo, ele efetivamente se afastou do grupo. Embora seja sugestivo o uso de Isaías 40:3 para o tema messiânico no deserto, essa associação era comum. No entanto, afirmar que há uma conexão com esse grupo só é possível se houver uma negação da precisão do texto Bíblico (HUTCHISON, 2002, p. 196).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Essênios desempenharam um papel de grande relevância no âmbito religioso e cultural, influenciando grupos oriundos do judaísmo por meio de suas práticas de estudo dos documentos sagrados e crenças. A comunidade essênica vivia de maneira simples e exemplar, caracterizada por suas vestimentas brancas que transmitiam simplicidade, além de adotarem uma dieta vegetariana. Acredita-se que os Essênios tenham exercido influência na vida de João Batista. No entanto, João Batista se destacou como um líder carismático e profeta, sendo seu batismo para o arrependimento fundamental para a vinda do Messias, conforme registrado nos Evangelhos.

Ao investigar mais a fundo a vida de João Batista, é evidenciado que seu nascimento foi extraordinário, com a missão de ser o precursor do Messias. Nascido de pais idosos, ele foi consagrado como nazireu, o que lhe permitiu ter algum envolvimento com a comunidade dos Essênios.

A ligação entre João Batista e os Essênios é enigmática, pois envolve tanto semelhanças quanto diferenças marcantes. Embora ambos compartilhem o anseio pela pureza e a espera pela vinda de um Messias, João propôs o batismo do arrependimento, realizado uma vez, em contraste com os Essênios, que tinham o hábito de realizar purificações diárias com água.

As evidências apresentadas por estudiosos (mencionados anteriormente) apontam para possíveis influências e conexões de João Batista com a comunidade essênica. Seu nascimento próximo a um mosteiro, suas semelhanças em alguns costumes e princípios, bem como a possibilidade de ter sido adotado pelos essênios, sugerem uma influência significativa em sua formação, apesar das diferenças em suas práticas e mensagem, revelando uma abordagem singular em relação aos essênios. Essas considerações contribuem para uma compreensão mais profunda do contexto histórico e religioso em que João Batista desempenhou seu papel como precursor do Messias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO Júnior, João Alves de. **Em busca de santidade: os manuscritos do Mar Morto e o modo de vida religiosa dos essênios e dos terapeutas** / João Alves de Araújo Júnior. João Pessoa, 2012.

ARTUSO, Vicente. **Autoridade de João Batista e de Jesus: para servir o reino de Deus**, Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 3, núm. 1, enero-junio, 2011, pp. 43-59 Pontifícia Universidade Católica do Paraná Curitiba, Brasil.

BARCLAY, William. **The Gospel of Luke**. Traduzido por Carlos Biagini. Novembro, 1995.

BETZ, Otto. **João Batista era essênio?** In: SHANKS, Hershel. (Org.). Para compreender os manuscritos do Mar Morto. Tradução de Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BOCCACCINI, Gabriele. **Beyond the Essene Hypothesis: The Parting of Ways between Qumran and Enochic Judaism.** William B. Eedmans Publishing Company Grand Rapids, Michigan/ Cambridge, UK. 1998.

BRUCE, F. F. **Essênios.** Tradução de Douglas, J. D. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DAVIS, John. **João Batista.** Tradução de J. R. Carvalho Braga, Novo Dicionário da Bíblia. São Paulo: Hagnos, 2005.

SMITH, Derwood. **Jewish Proselyte Baptism and the Baptism of John.** Restoration Quarterly 25 (1982).

DORNELES, Vanderlei. **Dicionário bíblico adventista do sétimo dia.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

DOUGLAS, J. D. (ed.). **O novo dicionário da Bíblia.** Tradução de João Bentes. 3.ed.rev. São Paulo: Vida Nova, 2006.

FITZMYER, Joseph A. **Estudos nos Manuscritos do Mar Morto e Origens Cristãs.** Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

GARCÍA, J. René González. **O Período Intertestamentário: comentário bíblico latino-americano.** C. René Padilla et al., Tradução de Cleiton Oliveira et al. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

GARNET, Paul. **Comunidade dos Essênios.** Tradução de Elizabeth Gomes. Dicionário de Ética Cristã. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.

LOPES, Hernandes Dias. **Lucas: Jesus, o Homem Perfeito,** ed. Juan Carlos Martinez, 1.^a edição., Comentários Expositivos. São Paulo: Hagnos, 2017.

HUTCHISON, John C. **João Batista era um essênio de Qumran?** Bibliotheca Sacra, BSAC 159:634 (abril de 2002).

JOSEFO, F. **História dos Hebreus.** Rio de Janeiro: CPAD, 7^a ed. 2003.

JOSEFO, Flávio. **Antiguidades Judaicas.** Livro XVIII, Capítulo 5.

MEIER, J. P. **Um judeu marginal: repensando o Jesus Histórico.** Vol. 3 Livro 2. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

ORRÚ, Gerúsio. **Os Manuscritos de Qumran e o Novo Testamento.** Sociedade religiosa. São Paulo: Vida Nova, 1993.

OSÉAS, F. MACIEL (ed.). **Comentário Lucas: à luz do novo testamento grego.** Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

PRYKE, John. **John the Baptist and the Qumran Community.** Revue de Qumran 4 (abril de 1964).

CHAMPLIN, R. N. **Essênios: enciclopédia de bíblia, teologia & filosofia.** São Paulo: Hagnos, 2013.

REID, Daniel G. **Dicionário teológico do Novo Testamento: compêndio dos mais avançados estudos bíblicos da atualidade.** 1^a ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

SCHÜRER, E. **The History of the Jewish People in the age of Jesus Christ** (175 b.C. – 135 A.D.). Edinburg: T & T Clark LTD, 1995.

SCOT McKnight. **Uma Luz entre os Gentios**. Minneapolis: Fortress, 1991.

SOCIEDADE Bíblica do Brasil, **Almeida Revista e Corrigida**. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

SZEKELY, Edmond Bordeaux. **Os Ensinamentos dos Essênios de Enoque aos Manuscritos do Mar Morto**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. 11.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

TAYLOR, Joan E. **John the Baptist and the Essenes**: Journal of Jewish Studies 47 (outono de 1996).

TOGNINI, Enéas. **O período interbíblico**: 400 anos de silêncio profético. São Paulo: Hagnos 2009.

VIEIRA, Fernando Mattioli. **Os manuscritos do Mar Morto e a Gênese do Cristianismo**. Assis 2008. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciência e letras de Assis - Universidade Estadual Paulista.

WILSON, Edmund. **Os Manuscritos do Mar Morto**. 1947-1969. "s.d."